

A MEMÓRIA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA APLICADA AO ENSINO DE GEOGRAFIA

Rafael Rodrigues Sobreira de Souza ¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a possibilidade da memória, individual e coletiva, ser incorporada às práticas de ensino de Geografia como uma ferramenta didática na educação básica. Para alcançar tal objetivo realizamos um levantamento bibliográfico e uma análise de experiências pedagógicas, nas quais o resgate de memórias serviu como ponto de partida para a compreensão de transformações socioespaciais. Do ponto de vista epistemológico, adotamos o método materialista histórico-dialético para analisar o conceito espaço geográfico, categoria central da geografia, como resultado de processos sociais e históricos. Nesse contexto, buscamos articular os conceitos de espaço e tempo, onde a memória pode contribuir para a construção de uma aprendizagem significativa no referido componente curricular. No decorrer da pesquisa, observamos que essa abordagem despertou interesse nos estudantes e fortaleceu vínculos afetivos com o espaço vivido. A utilização da memória no contexto da sala de aula também estimulou a reflexão crítica dos estudantes e ampliou o acesso a diferentes percepções sobre as transformações ocorridas nos espaços analisados. Dessa forma, o uso planejado da memória, como ferramenta didática, amplia as possibilidades de compreensão do espaço geográfico e reforça o papel social da Geografia no contexto escolar. Por fim, diante dos resultados alcançados, este artigo busca contribuir com o debate sobre o uso da memória nas aulas de geografia, apontando potencialidades e limites, sem a pretensão de oferecer respostas definitivas lançamos reflexões e sugestões de práticas pedagógicas que integrem o passado e o presente.

Palavras-chave: Memória, Ensino de Geografia, Educação Básica.

INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia na educação básica tem se deparado com um desafio persistente. Como superar a Geografia tradicional no ambiente escolar? Frequentemente, nos deparamos com aulas que, embora repletas de mapas, dados e imagens, permanecem ancoradas em um presente contínuo, esvaziando o espaço geográfico da sua historicidade. Esta limitação tende a produzir uma visão estática e, por vezes, acrítica sobre o espaço geográfico, ignorando que por trás de cada forma espacial existe uma trajetória humana, carregada de conflitos, afetos e significados.

¹ Mestrando do Curso de Ensino de Geografia do Instituto Federal de Brasília (IFB) - DF, rafael19geo@gmail.com;



É neste contexto que a memória, individual e coletiva, se apresenta como uma ferramenta didática ainda pouco explorada nas salas de aula. Se o espaço geográfico é, nas palavras de Milton Santos, uma "acumulação desigual de tempos", então a memória funciona como a chave para desbloquear essas diferentes temporalidades superpostas. Ao invés de contrapor memória e conhecimento geográfico, este trabalho parte do pressuposto de que elas se complementam mutuamente. As lembranças dos estudantes sobre seus lugares de vivência não são apenas recordações subjetivas, mas matéria-prima valiosa para decifrar como as relações sociais moldaram concretamente o espaço que habitam.

Ignorar esta dimensão da memória na sala de aula significa desprezar um vasto repertório de conhecimentos prévios que os estudantes carregam. Nossa proposta, portanto, é investigar as potencialidades e os limites da memória como ferramenta didática no ensino de geografia. Para tal, adotamos o materialismo histórico-dialético como método, permitindo-nos analisar o espaço como uma totalidade concreta e em constante transformação. Esta pesquisa, articula um levantamento bibliográfico com um exercício prático realizado com estudantes de diferentes etapas da Educação Básica, no qual foram convidados a expressar, por meio de desenhos, as memórias que associam ao espaço escolar. Dessa forma, este artigo busca contribuir para o debate na área de educação, argumentando que a memória, quando mobilizada de forma intencional, pode contribuir com o ensino de Geografia.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do presente trabalho, adotamos o materialismo histórico-dialético como método, compreendendo que o espaço geográfico é uma totalidade concreta, produzida e transformada por relações sociais contraditórias ao longo do tempo. Nesta perspectiva, a memória, em suas dimensões individual e coletiva, é tomada como uma categoria de análise fundamental para desvendar as múltiplas temporalidades que se acumulam e se confrontam no espaço.

O método permitiu-nos integrar a análise das memórias à compreensão do espaço geográfico como uma construção histórica. Os procedimentos metodológicos foram articulados em três etapas, partindo da delimitação do objeto (*a memória como ferramenta didática*), passando pela construção de um referencial teórico e, por fim, a aplicação de uma atividade prática em duas escolas de Educação Básica.

A atividade prática, procedimento empírico complementar à fundamentação teórica, foi proposta como um exercício sequencial com estudantes da educação básica, abarcando

diferentes etapas de escolaridade: Pré II, 5º ano, 9º ano e 3ª série do Ensino Médio. Ao final de cada etapa de reflexão em sala de aula, os estudantes foram convidados a elaborar um desenho que expressasse as memórias que a escola evoca neles. Esta atividade visava capturar, por meio de linguagens não verbais, as percepções e os vínculos afetivos que os educandos estabelecem com o espaço escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Tradicionalmente o ensino de Geografia tem se empenhado na análise do espaço geográfico em sua materialidade imediata. O uso de mapas atuais, imagens de satélite, análises da paisagem e interpretações de dados econômicos e sociais, embora fundamentais, são exemplos de uma abordagem que restringe a ciência geográfica ao tempo presente. Contudo, ao limitar a Geografia apenas como a “ciência do presente” corremos o risco de esvaziar o espaço geográfico de sua dimensão mais profunda.

O espaço geográfico, objeto de estudo da Geografia, é uma construção humana, palco de histórias, afetos e conflitos. Para Santos (2021, p. 9), o espaço pode ser compreendido como uma “acumulação desigual de tempos”, ou seja, uma configuração histórica onde diferentes temporalidades se sobrepõem e coexistem. É nesse contexto que a memória, individual e coletiva, emerge como uma ferramenta didática para a prática pedagógica em Geografia.

Segundo Carlos (2007), na medida em que os indivíduos produzem sua existência no decorrer do tempo, o fazem produzindo um espaço socializado. Cabe ressaltar que o espaço geográfico não é um dado inerte, mas uma realidade dinâmica, constantemente produzida e transformada pelas relações sociais que sobre ele se desdobram. Portanto, compreendê-lo exige mais do que descrever ou analisar sua morfologia atual. Exige, também, mergulhar nos processos espaciais que o formaram e nas narrativas daqueles que o vivenciam.

Bosi (2006) nos ensina que não é possível destruir o vínculo que as pessoas têm com suas lembranças eternizadas em suas memórias. Para o ensino de Geografia, essa constatação é fundamental. Pois, ela revela que os estudantes não são folhas em branco ou tabulas rasas em relação ao espaço (DEMO, 2000). Os discentes chegam à sala de aula carregados de um repertório de vivências espaciais que podem tornar o aprendizado profundamente significativo. Nesse sentido, a memória atua como uma ponte dialética entre o passado e o presente e torna-se uma importante ferramenta didática para o ensino de Geografia.





Ao trazer as lembranças dos estudantes e de suas comunidades para o centro do debate, a Geografia escolar pode **transcender sua face puramente descritiva** e assumir seu papel de ciência crítica, capaz de decifrar as marcas do tempo no espaço. Essa proposta leva em consideração que os estudantes sempre têm algo a compartilhar e ensinar. O papel do professor, como mediador do conhecimento, é saber utilizar essas memórias e conhecimentos prévios na construção dialógica do conhecimento.

Segundo Freire (2001), o processo de aprendizagem deve ser pautado no diálogo entre o professor e o estudante, que juntos constroem o conhecimento por meio da reflexão. A educação deve ser uma ferramenta de emancipação que contribui com a construção da identidade do estudante como sujeito histórico, criativo e crítico. Nessa perspectiva, as vivências sociais, culturais e espaciais são pontos de partida para o aprendizado. “Do vínculo com o passado se extrai a força para a formação da identidade (BOSI, 2004, p. 16)”.

Como, então, podemos operacionalizar a memória como uma ferramenta didática na educação básica? A chave está em articular, de forma intencional e planejada, as categorias espaço e tempo. A Geografia, por excelência, lida com a espacialização dos fenômenos. A História, com sua temporalidade. A memória, portanto, é o elemento de interseção que permite visualizar a historicidade inerente ao espaço.

Contudo, como qualquer proposta pedagógica, o uso da memória como ferramenta didática apresenta tanto potencialidades quanto limites que devem ser considerados pelo professor. Segundo Abreu (2013), as memórias, individuais e coletivas, só alcançam sua plena estruturação quando encontram um suporte concreto no tempo e no espaço.

Portanto, ao incorporar a memória no ensino de Geografia abrimos caminho para inúmeras possibilidades pedagógicas. Por exemplo, podemos trabalhar conceitos aparentemente abstratos, como segregação espacial ou transformação da paisagem, com as lembranças dos estudantes sobre seu bairro ou comunidade. Essa abordagem, permite que a Geografia dialogue de forma interdisciplinar com a História e a Sociologia.

Nesse processo, as recordações individuais, impregnadas de vivências e afetos, entrelaçam-se com as memórias coletivas, que, por sua vez, solidificam as experiências comuns de grupos sociais em sua relação com o território (HALBWACHS, 2006). O resultado é uma formação cidadã engajada, na qual o estudante, ao compreender as dinâmicas que moldaram seu espaço vivido, desenvolva um senso de identidade e pertencimento mais aguçado e se capacite para intervir criticamente na realidade socioespacial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO





Nesse cenário, é possível perceber que a memória não é oposta ao conhecimento geográfico. Pelo contrário, as lembranças que os estudantes carregam podem ser ferramentas valiosas para construir conhecimentos em sala de aula. Essas memórias funcionam como um portal de acesso a diferentes temporalidades que se condensam no espaço.

As experiências cotidianas, histórias de vida vinculadas àquele bairro, àquela praça, àquela escola, são muito mais do que dados subjetivos. Elas são a expressão viva de como as relações sociais moldaram o espaço vivido. Desconsiderar essa dimensão no processo de ensino-aprendizagem significa ignorar um repertório cultural que os estudantes já trazem consigo para a escola.

Segundo Cavalcanti (2013, p. 24), “a finalidade de ensinar Geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de os ajudar a formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço”. Portanto, a utilização da memória pode auxiliar o professor de Geografia a trazer a realidade imediata do estudante para suas aulas, tornando o conhecimento geográfico mais significativo e transformador.

Do ponto de vista teórico-empírico, realizamos uma atividade com estudantes de duas escolas localizadas no município de Luziânia, no estado de Goiás, para verificar o resultado de uma atividade prática que evocava a memória individual dos estudantes. Selecioneamos uma escola municipal e uma estadual, respectivamente: CMEB Maria de Nondas e CEPMG Maria d’Abadia Meireles Shinohara.

Os estudantes selecionados estavam no final de cada etapa da educação básica: Educação Infantil (PRÉ II), Fundamental I (5º Ano), Fundamental II (9º Ano), Ensino Médio (3ª Série). O objetivo era capturar, por meio de linguagens não verbais, as percepções e os vínculos afetivos que os educandos estabelecem com o espaço escolar, materializando de forma sensível como as diferentes idades e experiências vividas no ambiente educacional criam lembranças espaciais.

Os desenhos do PRÉ II (*ver fotos 1 e 2*) e do 5º Ano (*ver fotos 3 e 4*) concentraram-se predominantemente em espaços de socialização, afeto e memória, como o parquinho e a mangueira da escola, representados com cores vibrantes e figuras humanas interagindo. Evidenciou-se uma forte vinculação entre memória e experiência sensorial corporal. Nessas etapas da Educação Básica, o mapeamento afetivo das memórias, vinculado a categoria lugar, pode trazer bons resultados pedagógicos. O professor também pode trabalhar a ideia de espacialidade de forma lúdica utilizando a memória dos estudantes com foco no espaço vivido e percebido.





Foto 1. Estudante A, PRÉ II (2025). Centro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID



Foto 2. Estudante B, PRÉ II (2025).





Foto 3. Estudante C, 5º Ano (2025).



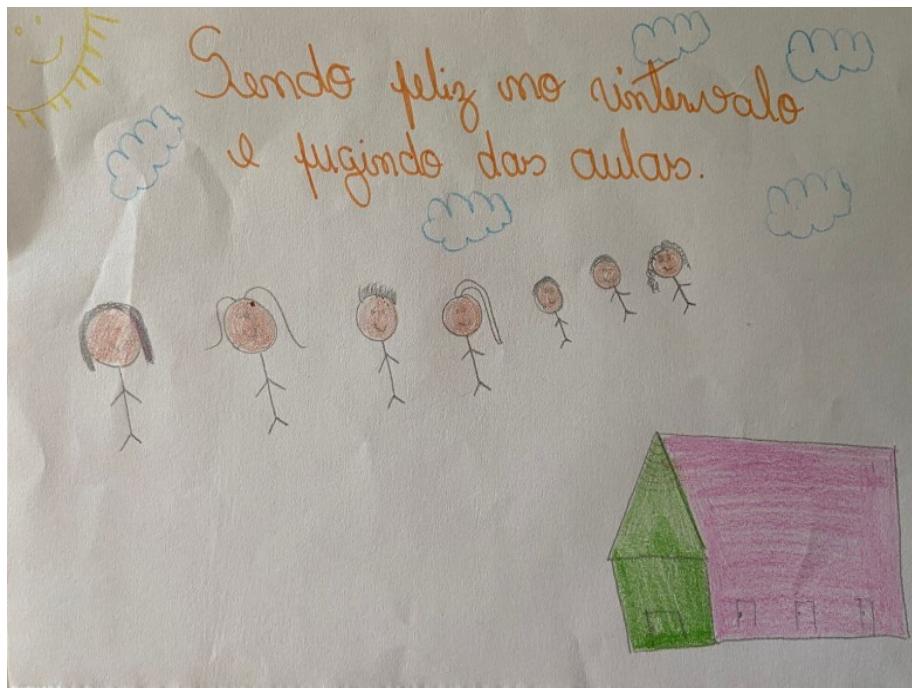
Os estudantes do 9º Ano apresentaram representações mais críticas, destacando muitas vezes suas insatisfações com o ambiente escolar e com a educação tradicional (*ver fotos 4 e 5*). As memórias começam a ser mediadas por uma compreensão das relações de poder inscritas no espaço e formas de demonstrar resistência as regras impostas.



Foto 4. Estudante D, 9º Ano (2025). Centro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID



Foto 5. Estudante E, 9º Ano (2025).



Os alunos da 3ª Série do Ensino Médio produziram desenhos ricos em simbologia temporal, frequentemente contrastando memórias da infância com a experiência atual, demonstrando a percepção da historicidade do lugar. Além disso, demonstraram inquietações, medos, anseios e sonhos.



Foto 6. Estudante F, 3^a Série do Ensino Médio (2025).

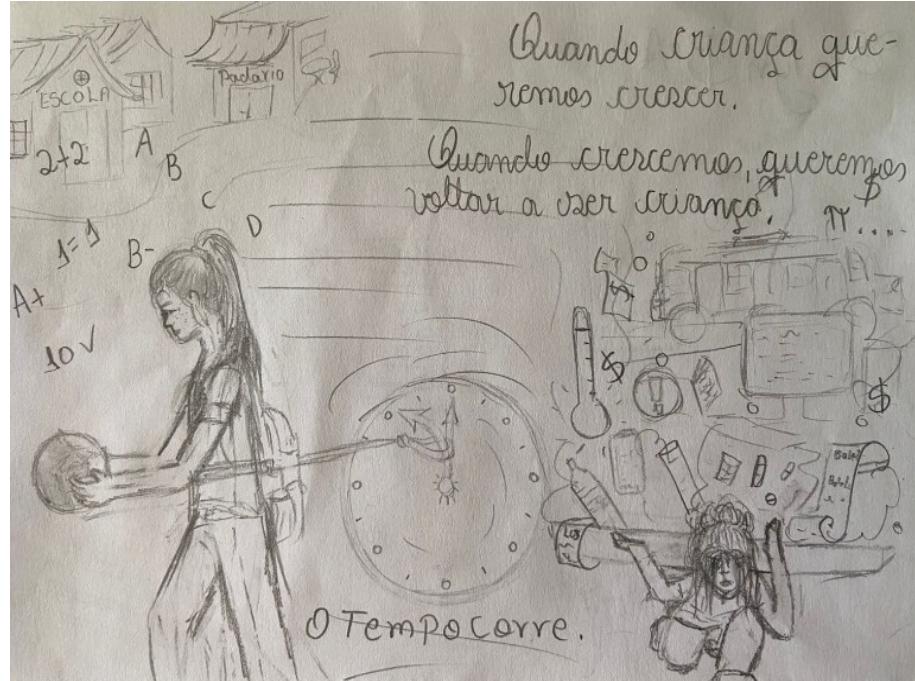


Foto 7. Estudante G, 3^a Série do Ensino Médio (2025).

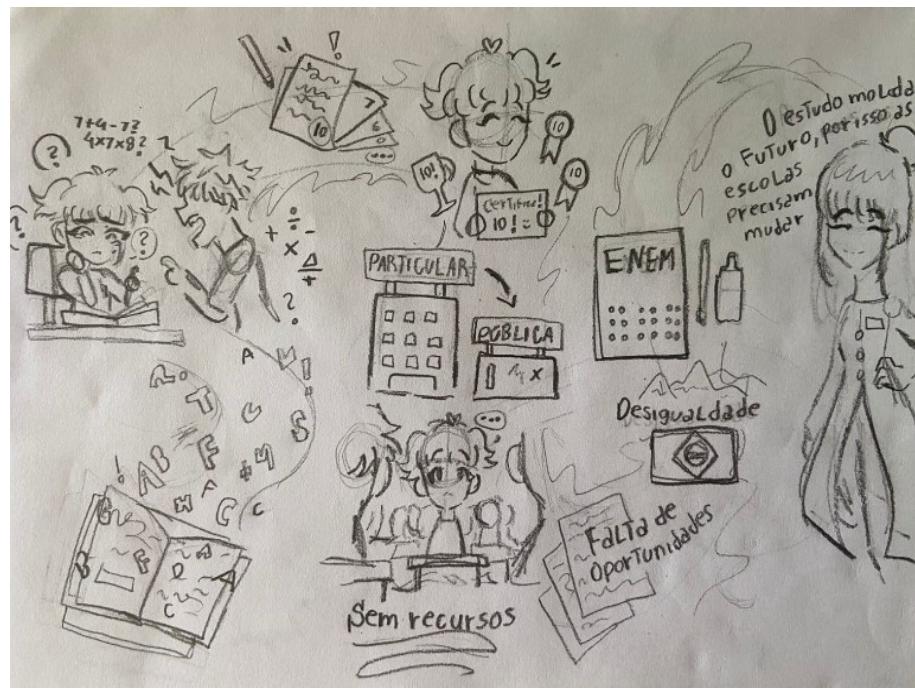


Foto 8. Estudante H, 9º Ano (2025).





Ao analisar cada desenho, foi possível constatar que a atividade proposta valorizou as memórias individuais e auxiliou os estudantes na reflexão, interpretação e representação do espaço escolar. Cada memória individual, em diálogo com a memória coletiva, fortaleceram identidades que expõem as relações entre o indivíduo e o espaço ao seu redor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa não traz conclusões definitivas, mas vislumbra um leque de possibilidades pedagógicas. A memória individual e coletiva se consolida como uma ferramenta didática de grande valor para uma Geografia escolar que almeja ser crítica e humana. Ela permite que os estudantes não apenas aprendam sobre o espaço geográfico, mas aprendam a partir do espaço que vivem e recordam, construindo um conhecimento geográfico enraizado na sua realidade e, por isso, transformador.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **A produção do espaço urbano:** agentes e processos, escalas e desafios. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 19-39.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.



BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade.** São Paulo: Labur Edições, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** 18^a. ed. Campinas: Papirus, 2013.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e Construção de Conhecimento:** metodologia científica no caminho de Habermas. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem.** 5 ed. 4. reimpr. São Paulo: Edusp, 2021.